

Discurso do Sujeito Coletivo Nas Redes Sociais Digitais: Uma Possibilidade de Aplicação Metodológica¹

João BARBOSA²

Elisa Manoela CARDOSO³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

As pesquisas qualitativas desenvolvidas pelo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposto por Lefevre e Lefevre (2003), apesar de restritas ao método de coleta do tipo entrevista, foi proposto nesse artigo com objetivo de traçar um diferente caminho metodológico para o DSC e aproximá-lo dos estudos de Comunicação e, por consequência, da Internet, a partir da conversação em rede de Recuero (2014) como método de coleta de dados. O objeto de estudo foi uma postagem realizada no dia 8 de julho de 2018, pela página do *Facebook* do jornal O Globo, sobre a emissão de um pedido de habeas corpus para o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O estudo trabalhou com 20 comentários realizados a respeito do acontecimento e, ao final do trabalho, foram obtidos quatro tipos de discursos coletivos distintos.

PALAVRAS-CHAVE: ciberespaço; conversação; Discurso do Sujeito Coletivo; redes sociais digitais.

INTRODUÇÃO

No campo dos estudos de comunicação é comum, devido ao seu caráter social e humano, pesquisadores lançarem mão de métodos de pesquisa e análise de caráter qualitativo, em especial a Análise de Discurso, seja com base em sua primeira versão ou em suas diversas ramificações desenvolvidas ao redor de todo o mundo que, muitas vezes são desenvolvidas para estudos linguísticos e comunicacionais.

Neste artigo, o objetivo é refletir sobre as possibilidades metodológicas de um tipo de Análise de Discurso relativamente recente. Nomeado de Discurso do Sujeito Coletivo

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² João Victor Mariano Barbosa Inácio Lauriano é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha de Mídia e Cidadania, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: nejoaobarbosa@gmail.com.

³ Elisa Manuela Cardoso é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, na linha de Mídia e Cidadania, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: elmanu123@outlook.com.

(DSC), este método de análise genuinamente brasileiro foi proposto pelos pesquisadores Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcanti Lefevre, no final da década de 1990. Inicialmente, o método foi desenvolvido com o objetivo de ser aplicado na área da saúde como uma nova opção para enfrentar problemas relacionados aos estudos de opinião que, com os métodos disponíveis até então, acabavam por ignorar a discursividade dos pesquisados (GONDIM e FISCHER, 2009).

A ideia é transportar o método criado pelos Lefevre para os estudos da área da comunicação, utilizando para isso uma nova possibilidade de construção de discursos coletivos por meio de um tipo diferente de um *corpus* do que foi apresentado por Lefevre e Lefevre (2003), que constroem os DSCs por meio de discursos verbais coletados em entrevistas. O proposto neste artigo é realizar uma coleta com base nos estudos sobre a conversação em rede propostos por Recuero (2014), utilizando o *Facebook* como forma de resgate desses discursos e analisá-los à luz da DSC, objetivando verificar a eficiência do método nessa configuração não convencional do método desenvolvido pelos Lefevre.

Portanto, o estudo trata de um experimento de aplicação metodológica, onde os discursos verbais utilizados na organização e análise do método do Discurso do Sujeito Coletivo foram coletados na rede social digital *Facebook* por meio de uma ferramenta de caixa de textos onde todos os atores que participam desta rede podem expor pensamentos, opiniões, ideologias e visões de mundo, ao mesmo tempo em que podem interagir umas com as outras, criando novas redes e grupos de relacionamento e, conseqüentemente, possibilitando também o desenvolvimento de distintos discursos coletivos, que surgem no momento em que diferentes indivíduos que fazem parte daquela comunidade virtual compartilham opiniões semelhantes.

DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: BREVE CONCEITUAÇÃO

De acordo com os estudiosos Lefevre e Lefevre (2006), a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo busca encontrar uma autoexpressão do pensamento coletivo ou opinião coletiva, reproduzindo um indivíduo portador desse pensamento ou discurso da coletividade. Nesse sentido, os autores explicam que o discurso coletivo produz um tipo de discurso muito mais amplo do que o “nós” – que expressa um tipo muito particular de coletivo que fala –, porém também é menos, pois um único indivíduo é capaz de reproduzir um discurso coletivo, visto que todo discurso é construído com base no

ambiente, história e contexto social, portanto é sempre um discurso que contém múltiplas origens, por consequência, é coletivo.

Gondim e Fischer (2009) afirmam que todos os tipos de discurso não estão presos apenas por regras de estruturação de um pensamento e de um tipo de linguagem individual. Para as autoras, todo discurso “expressa também um pensamento coletivo construído a partir do lugar que a pessoa ocupa no mundo social” (GONDIM e FISCHER, 2009, p. 10). Lefevre e Lefevre (2010) complementam afirmando que sujeitos que compartilham um mesmo contexto social acabam por pensar de modo semelhante, e, isso acontece pelo fato desses indivíduos compartilharem as mesmas representações ou, até mesmo, representações diferentes, mas que de alguma forma se relacionam entre si, nem que seja de forma em que uma contradiz a outra.

Portanto, o Discurso do Sujeito Coletivo se firma como um método de reconstituição de um ser ou entidade empírica que se expressa na forma de um sujeito do discurso que é emitido na primeira pessoa do singular. Lefevre e Lefevre (2006) acreditam que indivíduos semelhantes ou em ambientes próximos compartilham ideias semelhantes, mas no momento em que esses mesmos indivíduos tem a oportunidade de expressar seus pensamentos, de forma individual, acabam por expressar apenas uma parte das ideias que desenvolve. Ao utilizar o método de análise do DSC o pesquisador tem a possibilidade de reconstruir um sujeito coletivo que, por ser uma pessoa coletiva – ou seja, um representando muitos – pode, ao mesmo tempo, se expressar como um indivíduo particular e também como um discurso ampliado, pois ele carrega os diferentes discursos e pensamentos de um grupo.

Como um método que se propõe organizar e tabular os dados qualitativos de natureza verbal, a proposta possibilita a realização de uma análise do material coletado – geralmente obtidos por meio de depoimentos – possibilitando a extração de elementos importantes de cada depoimento e reunindo-os por semelhança de sentidos com o objetivo de identificar as similaridades de pensamentos dos diversos discursos contidos em determinado grupo social (LEFEVRE, CRESTANA e CORNETTA, 2003).

Em suma, a metodologia de Análise do Discurso do Sujeito coletivo pode ser definida

[...] como uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas qualitativas, que tem depoimentos como matéria prima, sobre a forma de um ou mais discursos-síntese, escritos na primeira pessoa do

singular, com o objetivo de expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse o emissor do discurso. (LEFEVRE, CRESTANA e CORNETTA, 2003, p. 70)

Sobre o uso da primeira pessoa do singular na construção do DSC, Gondim e Fischer (2009) explicam que sua utilização é apropriada, uma vez que, a primeira pessoa do plural tem uma função muito maior em destacar o “nós” em oposição ao “eles” do que uma inclusão de todos os participantes do grupo social em questão. Para as autoras, a primeira pessoa do singular permite representar de forma muito mais precisa o hipotético sujeito coletivo que é apresentado na análise.

Esse discurso individual que se cria permite ao pesquisador revelar e representar muito mais do que somente a fala individual, mas sim o que há de coletivo naquele grupo social, ou seja, o discurso coletivo que se apresenta ao final da análise é a união de todos os discursos individuais, porém respeitando cada sentido distinto e o nível de seu compartilhamento com o ambiente social (GONDIM e FISCHER, 2009). Em síntese, todos os discursos individuais “naturais” são também discursos coletivos, mas com a diferença de serem proferidos por uma única pessoa.

Lefevre e Lefevre (2006) ainda elegem um outro objetivo que é garantido pelo uso do método do Discurso do Sujeito Coletivo. De acordo com os criadores da metodologia, com o DSC ainda é possível configurar um panorama de Representações Sociais sob a forma dos discursos que, por meio de estudos sociais empíricos, objetivam o resgate do pensamento coletivo de uma forma mais assertiva do que geralmente é visto em pesquisas de opinião, especialmente as do tipo *survey*.

Pesquisas de opinião em que no método de coleta é solicitado para que os entrevistados apenas respondam se gostam ou não de determinado elemento não revelam o porquê de os mesmos terem essa opinião. Ao apresentar os resultados e realizar a análise, o pesquisador acaba por agrupar todas as respostas daqueles que, por exemplo, responderam positivamente em um único aglomerado de respostas, porém é possível acreditar que os motivos que fazem dois sujeitos diferentes responderem de forma semelhante sejam igualmente diferentes, no método do Discurso do Sujeito Coletivo é possível separar esses elementos (LEFEVRE, CRESTANA e CORNETTA, 2003).

Com essa possibilidade proporcionada pelo método, Lefevre e Lefevre (2010a) sustentam que é concebível identificar os diferentes tipos de pensamentos em um grupo de indivíduos que, aparentemente, possui discursos homogêneos. O Discurso do Sujeito

Coletivo permite identificar e reconstruir tipos, categorias ou diferentes lógicas de um pensamento coletivo, agrupando-os por semelhança, até mesmo as divergências e contradições encontradas em um único discurso “natural” que, a princípio, parecia uniforme.

Por fim, Lefevre e Lefevre (2010b) explicam que, por possuir como fundamento a Teoria das Representações Sociais – pensamento teórico em que indivíduos utilizam esquemas sociocognitivos para emitirem, no seu cotidiano, juízos e opiniões – de Serge Moscovici, publicada em 1961 no livro *La psychanalyse: son image et son public*, o DSC acaba por viabilizar o surgimento de novas possibilidades de interação como um objeto de pesquisa empírica. Essas interações, como pontuado por Lefevre, Lefevre e Marques (2009), podem ser entre particular e coletivo, teórico e empírico, síntese e análise, qualitativo e quantitativo e, com isso, se justifica a inclusão do Discurso do Sujeito Coletivo em reflexões e abordagens destinadas a entender temáticas complexas em diversas áreas da ciência, seja elas biológicas ou humanas.

Com o objetivo de chegar ao pensamento coletivo de uma determinada representação social, o Discurso do Sujeito Coletivo analisa três elementos presentes no material coletado: Expressões Chave, Ideia Central e Ancoragem (FIGUEIREDO, CHIARI e GOULART, 2013, p. 132). As expressões chave (ECH) “são pedaços, trechos do discurso, que devem ser destacados pelo pesquisador, e que revelam a essência do conteúdo do discurso ou a teoria subjacente” (2013, p. 132).

Já a Ideia Central (IC), os autores consideram como “um nome ou expressão linguística que revela, descreve e nomeia, da maneira mais sintética e precisa possível, o(s) sentido(s) presentes em cada uma das respostas analisadas e de cada conjunto homogêneo de ECH (2013, p. 132). Por último, “ancoragem (AC) é a expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso professa e que está embutida no seu discurso como se fosse uma afirmação qualquer” (2013, p. 132).

Assim, o DSC é uma forma eficiente de resgatar e apresentar as Representações Sociais obtidas de pesquisas empíricas. Nessas, as opiniões ou expressões individuais que apresentam sentidos semelhantes são agrupadas em categorias semânticas gerais, permitindo agregar depoimentos sem reduzi-los a quantidades (LEFEVRE e LEFEVRE, 2014). Entretanto, é importante destacar que o Discurso do Sujeito Coletivo não pode ser confundido com as Representações Sociais. Ele é uma tentativa de construir uma camada delas (LEFEVRE e LEFEVRE, 2006).

CONVERSAÇÃO E REDES SOCIAIS DIGITAIS

A sociedade atual está cada vez mais informada e conectada e, nas últimas duas décadas, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) modificaram o modo como as pessoas se relacionam com os meios de comunicação. As novas mídias sociais, com destaque para as redes sociais digitais, têm proporcionado diversas formas de socialização, organização e mobilização advindas das ações conjuntas na rede.

Para Castells (1999) a rede é um conjunto de “nós” que está conectado entre si e em constante comunicação e interação. No caso das redes sociais na Internet, cada indivíduo é classificado como um nó, e cada comunidade ou página – como as de um jornal – também são definidas como nós, e por fim, o site que abriga uma rede social é outro nó, que abriga outros inúmeros nós, que por sua vez está conectado a outros diversos nós no âmbito do ciberespaço.

Já Recuero (2009a) contribui ao dizer que as redes sociais na Internet são formadas pelas representações de atores sociais e de suas diversas conexões (“nós”) com outros atores. A autora explica que essas representações são, em sua maioria, personalizadas e individualizadas, sendo constituídas em forma de perfis no *Facebook*, *Twitter* ou *weblogs*. Já as conexões são os componentes que possibilitam a concepção da estrutura na qual as representações podem formar uma rede social, podendo ser de diferentes tipos, mas sempre construídas pelos atores a partir da interação e mantidas pelos sistemas online.

Nesse sentido, Martino (2014) aponta que as relações entre os indivíduos no ciberespaço possibilitam a formação de redes sociais que, além de permitir a criação de diversos tipos de agrupamento para a troca de conhecimento e informações, elas possibilitam a participação dos componentes em temas políticos, sociais e culturais. Assim, o autor (MARTINO, 2014) indica que as redes sociais na Internet se tornaram palco de discussão de temas relevantes para o cotidiano fora da rede, possibilitando uma quebra contínua de barreiras entre o “mundo físico” e o “mundo online”, nos levando a pensar no poder político das redes sociais digitais.

Recuero (2014) trabalha com o conceito de Comunicação Mediada por Computador (CMC), área de estudo que investiga os processos de comunicação humanos realizados através da mediação das tecnologias digitais, bem como as “práticas conversacionais demarcadas pelas trocas entre os atores sociais. Suas características advêm, deste modo, também da apropriação das ferramentas digitais como ambientes

conversacionais” (2014, p. 27). A autora aponta como principal forma de CMC a conversação em rede:

a conversação, no ambiente mediado pelo computador, assim, assume idiossincrasias próprias que são decorrentes da apropriação dos meios para o uso conversacional. Ela é, portanto, menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado dos interagentes, sejam essas ferramentas construídas para isso ou não. Falamos em apropriação porque essas ferramentas são construídas pelos agentes como ambientes conversacionais, e a conversação tem como suporte um conjunto de convenções simbólicas que são por elas construídas (RECUERO, 2014, p. 39).

Desse modo, o funcionamento das ferramentas sociais como apropriação de conversação dos indivíduos é chave para compreender o processo de sociabilidade na contemporaneidade. Ainda de acordo com o Recuero (2014), “a conversação é, portanto, um processo organizado, negociado pelos atores, que segue determinados rituais culturais e que faz parte dos processos de interação social” (2014, p. 31). Ela se diferencia de qualquer outro tipo de conversação no ciberespaço, pois possui a capacidade de transitar entre as conexões (grupos sociais) e se espalhar para outros grupos e espaços:

são conversações que permeiam diversas redes sociais, recebendo interferências e participações de indivíduos que, muitas vezes, não estão sequer conectados aos participantes iniciais do diálogo. São conversações públicas que migram dentro das diversas redes e que, deste modo, interferem nas redes sociais que utilizam as ferramentas. Assim, uma conversação em rede nasce de conversações entre pequenos grupos que vão sendo amplificadas pelas conexões de atores, adquirindo novos contornos e, por vezes, novos contextos (RECUERO, 2014, p. 123).

Para a autora (RECUERO, 2009b), os conteúdos que circulam nas redes sociais digitais são organizados e direcionados para audiências específicas. Essas informações possuem um valor social que geram diversos impactos na rede. Com isso, a autora sugere que as informações compartilhadas na web circulam baseadas numa percepção que os atores daquele espaço têm do valor social que aquela ação de compartilhar irá gerar, ou seja, essa circulação de conteúdos está relacionada com o capital social. Bourdieu (1983) define o capital social como uma rede que é mais ou menos durável, formada por relações institucionalizadas de saberes e reconhecimentos mútuos entre todos os participantes.

Portanto, quando falamos das redes sociais digitais, o ciberespaço possibilita uma maior participação entre os indivíduos e permite um controle maior quanto as informações que circulam, principalmente devido às possibilidades de rastreamento, o capital social é facilmente movimentado pelos atores sociais ou grupos de indivíduos. Ou seja, a Internet permite ao usuário um maior controle de sua rede social particular, com um maior controle e mobilização do capital social para sua conveniência (RECUERO, 2009b).

Diferente da proposta de Levefre e Levefre (2006) que utilizam a entrevista como *corpus*, a presente pesquisa busca traçar um outro caminho metodológico para a coleta. Pretendemos utilizar a conversação em rede no *Facebook* para resgatar esses discursos e analisa-los à luz da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, objetivando verificar a eficiência do método nessa configuração não tão comum na utilização do DSC. Também é de interesse deste trabalho apresentar as possibilidades de recriação de discursos coletivos formados por meio de comentários realizados por pessoas geograficamente distantes umas das outras, mas que vivem em um ambiente digital compartilhado que, no caso deste estudo, foi a rede social digital *Facebook*.

ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO NO *FACEBOOK*

O Facebook já é considerado a maior rede social digital do mundo com 2,13 bilhões de usuários (Reuters Brasil/2017⁴). Para Recuero (2014), ele é uma ferramenta que utiliza da apropriação simbólica para criar espaços sociais no cotidiano dos atores, construindo práticas que ressignificam suas utilidades. Entre estas práticas está a conversação. O pesquisador encontra mais facilidade em resgatar as conversações nesses sites de rede social, uma vez que, se trata de uma mídia que disponibiliza publicamente o seu conteúdo. Dessa maneira, os comentários, curtidas e compartilhamentos da postagem ficam sempre disponíveis.

Por meio de uma pesquisa exploratória realizada no Facebook que, de acordo com Raupp e Beuren (2006), busca entender com maior profundidade o assunto, reunindo uma quantidade maior de conhecimento e integrando características inéditas ao campo de estudos, foi realizada uma busca por um fato recente que despertou interesse dos cidadãos

⁴ Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,facebook-chega-a-2-13-bilhoes-de-usuarios-em-todo-o-mundo,70002173062>. Acesso em: 25 mar. 2019.

brasileiros e, conseqüentemente, uma grande manifestação da população nas redes sociais digitais. Com isso, chegamos a uma publicação do jornal O Globo⁵ no Facebook referente ao pedido de soltura do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva (Figura 1). A publicação, no dia 20 de julho de 2018 – data da coleta – contava com 25 mil curtidas, 19 mil compartilhamentos e 3,7 mil comentários.

Os comentários selecionados para a análise foram escolhidos com base nas ferramentas da própria rede social digital, que classifica os comentários com base no que o algoritmo do *Facebook* considera serem os mais importantes. Fundamentado nisso, foram selecionados 20 comentários que, no momento da coleta, foram classificados como mais relevantes pela rede social digital estudada.

Figura 1 – Postagem do jornal O Globo



Fonte: O Globo/Facebook (2018).⁶

Para a realização da análise, foi utilizado como forma de organização dos dados coletados, o software DSCsoft, que é um programa desenvolvido com o objetivo de

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/2183327221706945>. Acesso em: 25 mar. 2019.

facilitar a realização de pesquisas de caráter qualitativo nas quais os pesquisadores utilizem o método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo. O programa funciona como um instrumento para que os pesquisadores possam trabalhar com mais segurança, eficiência e alcance, ajudando na seleção, categorização, organização e apresentação dos depoimentos coletados durante a realização de uma pesquisa.

No caso da postagem escolhida, decidimos analisar os discursos a partir da emissão do *habeas corpus* emitido em favor do ex-presidente Lula. Importante salientar aqui que esta pesquisa não tem como objetivo se posicionar diante do fato. A notícia foi escolhida apenas por estar entre os assuntos mais discutidos no ano de 2018, em nível nacional e internacional. Abaixo esquematizamos as ideias centrais das cinco categorias encontradas através da análise dos 20 comentários mais relevantes da notícia.

Quadro 1 – Categorias e Ideias Centrais

Categoria	Número de comentários	Ideia central
A - Apoio à decisão	4 comentários	Essa decisão precisa ser comemorada, Lula será presidente do Brasil mais uma vez.
B - Contra a decisão	6 comentários	O mais revoltante de tudo isso é ver a população brasileira continuar sem ação diante vendo o Brasil ser entregue à corruptos.
C - Descrença no Poder Judiciário Brasileiro	6 comentários	A decisão do STF não serve para nada, pode ser descumprida por seus próprios ministros e desembargadores de todos os tribunais país a fora.
D - Crítica à política	2 comentários	Quem comete algum crime sabe que não ficar preso.
E - Outras respostas	2 comentários	Nesta categoria não foi possível desenvolver nenhum tipo de DSC, pois se trata apenas de recortes de informações e conteúdos textuais de outros locais. Encontramos duas Ideias Centrais presentes nesta categoria: uma receita de bolo de abacaxi e uma receita de macarrão instantâneo.

Fonte: Os autores

A partir da Ideia Central de cada categoria (A à D) foi possível construir os respectivos Discursos do Sujeito Coletivo:

Categoria A – Apoio à decisão

A decisão foi tomada na última sexta-feira e o pedido foi de libertar o ex-presidente Lula por não haver fundamentos jurídicos suficientes para a prisão do político. Pois isso, essa decisão precisa ser comemorada, Lula será presidente do Brasil mais uma vez. Tudo graças ao desembargador Rogério Favreto! Finalmente a justiça brasileira está voltando a realizar ações de forma imparcial, a decisão apenas garante o direito de todos aguardarem seus julgamentos em liberdade.

Categoria B – Contra a decisão

Essa decisão de soltura fez com que a derrota da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo não seja a única derrota do Brasil nos últimos dias. Essa decisão fez com que o maior chefe da facção existente entre PT, PSDB, PMDB, DEM e PSOL esteja livre de novo. Não sei como as pessoas ainda ficam surpresas com a vantagem do Bolsonaro nas pesquisas eleitorais. O mais revoltante de tudo isso é ver a população brasileira continuar sem ação diante vendo o Brasil ser entregue à corruptos. Tudo isso me faz ter vontade de morar em outro país e buscar melhores condições de vida. Mas essa decisão será anulada cedo ou tarde, já que neste estágio processual só um tribunal superior poderia autorizar a saída de Lula da cadeia.

Categoria C – Descrença no Poder Judiciário Brasileiro

Ninguém mais consegue entender a justiça brasileira, o Lula perdeu todos os recursos no Supremo Tribunal Federal e de repente surge um desembargador de um tribunal inferior e tenta intervir a favor do criminoso. Ou seja, a decisão do STF não serve para nada, pode ser descumprida por seus próprios ministros e desembargadores de todos os tribunais país a fora. Tudo isso é uma vergonha para o Brasil, uma vergonha para nossa justiça. Sem falar que o advogado Rogério Favreto foi escolhido pela própria presidente Dilma Rousseff para ocupar essa vaga de desembargador, por isso os políticos do PT tinham certeza que o Lula estaria presente no lançamento da candidatura dele à presidência. Vergonha!

Categoria D – Crítica à política

Todo político brasileiro sabe que se cometer qualquer crime vai passar apenas uma pequena temporada na prisão. É como se fosse apenas mais um risco a se correr, mas o

dinheiro roubado já estará embolsado. Esse país tem mesmo é que fechar as portas, não podemos levar nada a sério.

Esses diferentes resultados mostram como o método do Discurso do Sujeito Coletivo pode gerar opiniões coletivas distintas e contextualizadas, mesmo sendo aplicado com uma metodologia de coleta diferente da utilizada pelos autores que desenvolveram a técnica. Conforme posto por Figueiredo, Chiarie Goulart (2013, p. 135) “os discursos individuais são agrupados, por semelhança semântica, em discursos-síntese redigidos na primeira pessoa do singular, de modo a configurar um sujeito coletivo portador de uma opinião social”.

Por mais que os autores tenham criado o método para que seja aplicado apenas em pesquisas de opinião pública – por conciliar qualidade e quantidade – as autoras Gondim e Fischer (2009) defendem que o DSC também é útil como forma de aprimoramento da apresentação de dados de caráter qualitativo, onde o número de materiais coletados e a frequência do compartilhamento não são os critérios principais no momento da construção do discurso.

Sendo assim, o critério adotado neste estudo não foi pautado na quantidade, mas sim na semelhança de sentidos dos discursos “naturais” encontrados na rede social digital *Facebook*. Com isso em mente, foi possível representar quatro tipos diferentes de discursos coletivos: a favor da soltura, contra a soltura, perda de credibilidade no Poder Judiciário brasileiro e crítica ao sistema político nacional.

Além disso, com base nas reflexões de Jenkins, Green e Ford (2014) a respeito da cultura participativa, é possível visualizar o que os autores apresentam como apropriação dos meios de comunicação (*Twitter, Facebook*) e das informações contidas naquele ambiente, bem como suas ressignificações, transformando a rede social digital em uma ferramenta social que permite indivíduos que se encontram geograficamente distantes a criarem grupos e comunidades online que potencializam a interatividade e troca cultural entre os participantes.

Esta reflexão fica mais evidente quando olhamos para os DSCs apresentados nesta pesquisa, onde foi possível, por meio de comentários que podem ser lidos como discursos “naturais”, se transformarem em discursos coletivos de grupos sociais que surgiram em uma caixa de comentário, mas que estão conectados por meio de opiniões e visões de mundo semelhantes.

Na Categoria A (Apoio à decisão) é possível identificar um discurso que acredita na inocência do político em questão e desconfia de uma perseguição por parte das autoridades ao usar a expressão “imparcial”. A Categoria B (Contra a decisão) apresenta a opinião de um sujeito coletivo que se apresenta indignado com a situação. É a expressão de um grupo que acredita que o país foi “entregue aos corruptos”. Já na Categoria C (Descrença no Poder Judiciário Brasileiro) mostra um grupo que compreende a hierarquia dentro do Supremo Tribunal Federal. Essa característica pode significar que esse grupo está mais atento aos pormenores do caso e vão além dos posicionamentos “contra” ou “a favor”.

Por último, na Categoria D (Crítica à política) foi representada com um sentido de posicionamento contrário não à decisão em si, mas contra todo modelo político brasileiro. Mais uma vez vale ressaltar que os comentários que se enquadraram na Categoria E (Outras respostas) não desenvolveram nenhum tipo de Discurso do Sujeito Coletivo, por se tratar apenas de recortes de informações e conteúdos textuais de origens diversas, não apresentando uma opinião ou pensamento claros. Nesta categoria apenas duas Ideias Centrais se fizeram presentes: uma receita de bolo de abacaxi e uma receita de macarrão instantâneo.

Nesse sentido, conforme se posicionam Lefevre e Lefevre (2014), durante a análise o papel do pesquisador é reconstruir os sentidos que os diferentes grupos/atores sociais dão ao mundo que vivem, portanto, “a interpretação que o pesquisador dá destas Representações [Sociais] é o sentido que ele, pesquisador, dá ao sentido dado pelos atores sociais. Ambas as tarefas implicam, pois, produção de sentido” (2014, p. 505). Assim, a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo serve como base para as representações sociais enquanto representantes e representados dos seus próprios discursos. Porém, mais uma vez, vale ressaltar que as DSCs não representam o todo de uma Representação Social, apenas um recorte da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme posto por Moscovici (1978), as representações sócias são elementos sociocognitivos que indivíduos utilizam no seu cotidiano para expressar seus juízos de valores e opiniões. Esses elementos são expressados a partir de depoimentos individuais. No âmago do Discurso do Sujeito Coletivo, a maneira mais convencional de coleta desses

discursos seria por meio de entrevistas ou grupos focais. O presente estudo propôs um outro caminho para a aplicação do DSC a partir da coleta de comentários na rede social digital Facebook, viabilizados pela conversação em rede.

De acordo com Recuero (2014), a Comunicação Mediada por Computadores (CMC) é uma apropriação de uma conversação qualquer que, mesmo no ciberespaço, não é entendida pelo usuário como uma simulação, mas como algo real. Assim, as próprias características da conversação em rede ressignificaram a potencialidade da interação social proporcionada pelas redes sociais digitais, criando grupos sociais ligados por meio de suas opiniões e pensamentos, que são potencializados pelas características de interação encontradas na rede, em especial nas redes sociais digitais.

A partir desta premissa, tivemos como objetivo substituir o método de coleta tradicional para um método diferente: comentários no Facebook. Com o auxílio do software DSCsoft conseguimos obter quatro discursos de representações sociais diferentes entre os 20 comentários analisados. Portanto, no sentido metodológico, é possível inferir que o estudo obteve resultados significativos e se apresenta como uma possibilidade viável para futuras produções científicas que utilizem o método do Discurso do Sujeito Coletivo, seja para realizar análises diversas ou apenas para uma melhor organização dos dados textuais, além de auxiliar no enriquecimento e construção do campo metodológico das pesquisas em comunicação.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, John (Org.). **Handbook of theory and Research for Sociology of Education**. Westport. CT: Greenwood Press, 1983.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GONDIM, S.; FISCHER, T. O discurso, a análise do discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. In: **Cadernos Gestão Social**, 2009, 2(1), p. 9-26.
- FIGUEIREDO, Marília Figueiredo; CHIARI, Brasília; GOULART, Bárbara. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. In: **Distúrbios da Comunicação**: São Paulo, 25(1), p. 129-136, abril, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931>. Acesso em: 21 mar. 2019.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; CRESTANA, Maria Fazanelli; CORNETTA, Vitória Kedy. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização "capacitação e desenvolvimento de recursos Humanos em Saúde-CADRHU". In: **Saúde e Sociedade**: São Paulo, 2003, v. 12, n. 2, p. 68-75, jul-dez 2003.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE Ana Maria Cavalcanti. Comunicação em saúde e discurso do sujeito coletivo: semelhanças nas diferenças e diferenças nas semelhanças. In: **Boletim do Instituto de Saúde**: São Paulo, 2010a, v.12, n.1.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE Ana Maria Cavalcanti. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. In: **Contexto Enferm**: Florianópolis: 2014 Abr-Jun; 23 (2): 502-7.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE Ana Maria Cavalcanti. **Pesquisa de Representação Social**. Brasília: Liberlivro; 2010b.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala. In: **Interface Comun, Saúde e Educ**: 2006, v. 10, n. 20. p. 571-524.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; MARQUES, Maria Cristina da Costa. Discurso do Sujeito Coletivo, complexidade e auto-organização. In: **Ciências e Saúde Coletiva**: 2009, 14(4), p. 1193-1204.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. In: BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2006.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009a.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na Internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In: **Metamorfozes jornalísticas**: 2009b, v. 2, p. 37-55,. Disponível em: http://www.researchgate.net/profile/Raquel_Recuero2/publication/267789183_Redessociais_na_Internet_Difusao_de_Informacao_e_Jornalismo_Elementos_para_discussao/links/00b7d52b16abba517b000000.pdf. Acesso em: 17 mar. 2019.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. In: **Verso e Reverso**, vol. XXVIII, n. 68, p. 114-124, maio-agosto 2014. Disponível em <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acesso em 19 mar. 2019.